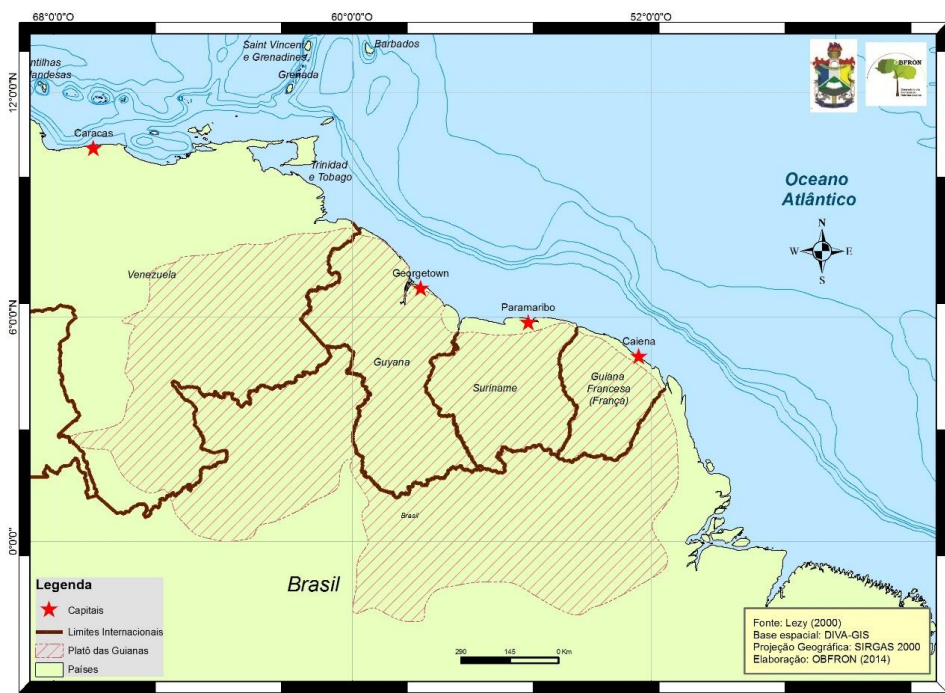


# Apresentação

A presente edição especial da revista *Acta Geográfica* é resultado de uma colaboração desta revista com o Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (OBFRON, [www2.unifap.br/obfron](http://www2.unifap.br/obfron)). O OBFRON é uma iniciativa de pesquisa e extensão criado em 2011 por professores da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Tal iniciativa é um projeto-iniciativação multidimensional ambicioso que pretende, como objetivo geral, estabelecer um quadro analítico em termos de planejamento urbano, desenvolvimento regional, paisagismo, meio ambiente, segurança internacional, história comparada, literatura, geopolítica e outras várias frentes de trabalho sobre uma região na América do Sul ainda desconhecida, inclusive em termos de literatura acadêmica. Esta região é o Planalto ou Platô das Guianas – formação do relevo localizada ao norte da Planície Amazônica a partir do qual estabelecemos nossa unidade geográfica de pesquisa. Este platô insere territórios do Brasil até à Venezuela, passando pela República Cooperativa da Guiana, pelo Suriname e pela Guiana Francesa (França), como visto no Mapa 1 abaixo. A Colômbia também possui uma parte, mas muito pequena, se considerarmos a proporção dos demais países. Por este motivo e por estar muito distante da *core área* do platô, os pesquisadores do OBFRON resolveram não inseri-la nas iniciativas que estão e que serão desenvolvidas.

Os debates e as pesquisas do OBFRON não escapam à seara geográfica e, de maneira mais específica, ao universo de debate da geografia política, da geopolítica e da gestão do território, o que uniu a revista *Acta Geográfica* e o Observatório na iniciativa de uma edição especial da revista com o tema “Geografia Política e Geopolítica: Teoria e Prática”. Mas não é só isso! De uma maneira mais pragmática, para além das questões amplas já apontadas, esta edição especial também foi fruto da necessidade de termos reunidos no Brasil, em uma edição específica, trabalhos relevantes em Geografia Política/Geopolítica, para que possamos utilizá-la como fonte primária e/ou complementar para as aulas em nível de graduação e pós-graduação. Acreditamos que a presente edição cumpriu em parte sua missão pragmática. Mas por que em parte? Seria muita pretensão nossa acreditar quem um “punhado” de pesquisadores daria conta de abarcar, em suas reflexões, todas as questões relevantes da Geografia Política e da Geopolítica. O que fizemos, e neste caso, sim, atingimos plenamente nosso objetivo, foi refletir sobre questões teóricas e práticas pertinentes ao que cada pesquisador se propôs. Além disso, as várias fontes citadas pelos autores já constituem uma base de referência para aqueles ou aquelas que queiram aprofundar a leitura.

A edição especial aqui apresentada foi dividida em duas seções: a primeira trata dos aspectos teórico-metodológicos da Geografia Política, da Geopolítica ou das duas em interface, e a segunda, de estudos de caso.



Mapa 1 - Localização geográfica do Platô das Guianas

LÉZY, Emmanuel Guyane, Guyanes. Une géographie "sauvage" de l'Orénoque à l'Amazone. de. éditeur : Belin. 8  
Parution : 2000

O texto de abertura, intitulado *Geopolítica, Ciência Política e Relações Internacionais*, é de Shiguenoli Miyamoto. O autor tece considerações sobre a importância da geopolítica nas relações internacionais. Para tanto, elenca fatores geográficos como elementos que têm sido utilizados historicamente pelos Estados na formulação e na implementação de suas políticas públicas, basicamente nas áreas de defesa e segurança nacionais.

Na sequência, Lício Caetano do Rego Monteiro em artigo intitulado *Geografia e Segurança Internacional: Aproximações Contemporâneas* traz uma contribuição para o campo de pesquisa geográfica em interface com a segurança internacional através de um diálogo interdisciplinar com as Relações Internacionais e os Estudos de Estratégia, Segurança e Defesa.

Em seguida, Beatrice Giblin, uma das fundadoras da clássica revista francesa de geopolítica, intitulada *Hérodote* (<http://www.herodote.org/index.php>), faz um panorama evolutivo desta revista no artigo *Herodote et L'ecole Française de Geopolitique*. A autora aborda, em seu texto, questões relevantes sobre a trajetória da revista Herodote. A partir da composição dos tópicos e de suas análises, é possível entender de forma ampla, mas também substancial, um pouco da evolução dos estudos em geopolítica, não somente na França, mas também no mundo todo.

Logo após o texto de Giblin, a edição traz o artigo de André-Louis Sanguin, intitulado *Renascimento Institucional e o futuro da Geografia Política na França a partir da década de 1970*. Em seu texto, Sanguin faz um resgate histórico do Comitê Nacional Francês de Geografia Política, desde sua criação, em 1984. Atenção complementar é dada ao avanço/desenvolvimento paralelo e independente, que constitui a geopolítica lacostiana e a revista *Hérodote*, as quais foram, mas de outra maneira, foco de análise do artigo anterior de Beatrice Giblin. O artigo de Sanguin se conclui, abordando questões relevantes sobre novos problemas e novas perspectivas no pós-2010, que afetam este ramo da ciência geográfica.

Edu Silvestre, Dyego Rocha e Fabrício Silva, por sua vez, analisam a geoestratégia dos grandes espaços mundiais no artigo intitulado *A Geoestratégia dos Grandes Espaços Mundiais*. Para tanto, os autores elaboraram um resgate dos condicionantes geográficos no “longo século XX” para aplicá-los na análise do sistema internacional do século atual. Para eles, a geopolítica é o estudo da formação destes grandes espaços mundiais, os quais abarcam a dimensão geoestratégica dos projetos de poder, maneira pela qual o artigo foi construído com suas devidas reflexões.

Após o texto sobre a geoestratégia dos grandes espaços mundiais, passamos para a discussão de fronteiras e limites internacionais. No artigo intitulado *Considerações sobre Dilemas Clássicos e Contemporâneos das Fronteiras e dos Limites Internacionais*, de autoria de Gutemberg de Vilhena Silva, são analisados aspectos relevantes para se pensarem os limites e as fronteiras internacionais, ontem e hoje, tendo por base reflexiva a Geografia Política. Conforme suas conclusões, constata-se que é desafiador, neste novo século, compreender os desdobramentos das várias ações, visando à cooperação transfronteiriça entre países e/ou os mecanismos de reforço das barreiras antiporosidade internacional entre eles. Isto ocorre porque inúmeras variáveis geográficas e geopolíticas estão em constante tensão.

O texto seguinte, intitulado *Geografia e Meio Ambiente: as Políticas de Estado na Configuração da Sustentabilidade no Brasil*, de autoria de Augusto César Pinheiro da Silva, passa a tratar de estudos de caso nesta edição especial. O autor aborda a relação entre Geografia (Política) e Meio Ambiente, com especial atenção para as políticas de Estado na configuração da sustentabilidade no Brasil. Para Augusto Pinheiro, desde que os temas ambientais passaram a fazer parte da agenda das políticas públicas brasileiras, no início dos anos de 1970, o discurso sobre *as sustentabilidades* vem sendo usado em projetos de desenvolvimento com base na natureza do uso e da apropriação de recursos e da sua gestão. Essas e outras reflexões são basilares na discussão de Augusto César.

Em seguida, a edição especial traz o artigo de Helio de Araujo Evangelista, o qual reflete sobre o *Rio de Janeiro como a Capital da Geografia Política Brasileira*. Para o autor, não há qualquer outro ponto do território brasileiro que supere o Rio de Janeiro em termos de longevidade e intensidade nas

relações entre território e poder. Esta é a tese que Helio Evangelista defende em seu artigo, percorrendo, em suas reflexões, do século XVI ao século XX.

O artigo seguinte, de autoria de Jadson Porto, intitulado *A Reconstrução da Condição Fronteiriça Amapaense: da Expansão Colonial às Intenções de Interações Transfronteiriças*, parte do pressuposto de que a condição fronteiriça amapaense é reflexo de interesses, construções externas, ações políticas, econômicas e institucionais, as quais são manifestadas e contextualizadas em tempos históricos. Dessa maneira, a condição na qual o Estado do Amapá se insere o posiciona como um “*território estratégico recomposto periférico e tardio*”. Esta é a base analítica do autor.

O pesquisador Mário Valero nos apresenta, no artigo *Notas sobre Geografía Política: el paisaje fronterizo venezolano*, questões importantes dos espaços fronteiriços venezuelanos. Em suas investigações, o autor enfatiza a caracterização funcional das fronteiras que não correspondem aos interesses unilaterais geopolíticos nacionais. Desse modo, tal autor reconhece, em sua abordagem, as fronteiras como espaços de integração a partir da convergência e do encontro dos interesses dos habitantes e sua vizinhança, expressos em fluxos de trocas, redes transfronteiriças e interdependências regionais, binacionais e locais, o que sugere, como resultado, a formação de outros usos das territorialidades transfronteiriças.

Após as reflexões sobre a Venezuela, passamos para o artigo de Marcos Mondardo, intitulado *A geometria de poder do conflito territorial entre fazendeiros e guaranis-kaiowás na fronteira do Brasil com o Paraguai*. O autor, tomando por base o conflito territorial entre fazendeiros e Guaranis-Kaiowás na fronteira do Brasil com o Paraguai, analisa a geometria de poder, que envolve o processo de demarcação das terras indígenas no Estado do Mato Grosso do Sul, fronteiriço ao Paraguai.

Por fim, é a vez do artigo de Camilo P. Carneiro Filho e Bruno O. Lemos, intitulado *Brasil e Mercosul: iniciativas de Cooperação Fronteiriça*, em que são apresentadas algumas iniciativas de integração fronteiriça do Brasil com seus vizinhos do Mercosul. Conclui-se, a partir do recorte metodológico estabelecido, que as iniciativas de cooperação fronteiriça de maior destaque no Mercosul são bilaterais, ao contrário do que ocorre na União Europeia. A multilateralização de iniciativas de integração fronteiriça dependerá, conforme os autores, do aprofundamento da integração do Mercosul nos próximos anos.

Em síntese, considerando a qualidade dos artigos aqui apresentados e a relação profícua do OBFRON com a revista *Acta Geográfica*, não resta dúvida da satisfação dos pesquisadores do Observatório em poder fazer parte dessa iniciativa de colaboração.

*Gutemberg de Vilhena Silva*

Professor da Universidade Federal do Amapá e Coordenador do OBFRON